

Comunicação e identidade: o discurso de guerra de Winston Churchill¹

Elaine Nogueira DIAS²
Universidade Paulista, São Paulo, SP

Resumo

Com este trabalho pretendemos discutir o tema da comunicação em tempos de conflito elucidando a importância do discurso de Winston Churchill para os britânicos na Segunda Guerra Mundial. Temos como objetivo refletir sobre a constituição da identidade do sujeito britânico a partir de sua memória histórica e como o enunciado da vitória é retomado no discurso inaugural de Winston Churchill, através de sua oratória, produzindo o sentido da vitória nas difíceis circunstâncias da guerra.

Palavras-chave: Comunicação; Churchill; discurso; sujeito britânico, vitória.

Retórica e Oratória Política

Nas teoria de Aristóteles, Retórica é definida como “a faculdade de observar os meios de persuasão disponíveis em qualquer caso dado” (2007, p. 23), referindo-se à arte do convencimento, em especial por meio da oratória. Assim, a Retórica de Aristóteles se incumbem da análise das competências e habilidades que fazem parte do processo persuasivo nos discursos orais, em diferentes contextos, entre diferentes interlocutores.

O filósofo divide a Retórica em três tipos de oratória: a política, a jurídica e a exibicional. Focando-se na oratória política, afirma que esta “tem por objetivo, seja conveniente ou prejudicial, o estabelecimento de um determinado curso de ação” (2007, p. 30), o que implica a habilidade do orador de comunicar sua audiência convencendo-os de aceitar suas propostas, colocadas como possíveis e necessárias. Churchill, enquanto líder da nação britânica durante a guerra e porta-voz da causa da liberdade na Europa, comunicava-se com seu povo através de seus discursos buscando estabelecer um “curso de ação” para a guerra, contemplando o rearmamento, a luta, a resistência, com a finalidade de assegurar a vitória de sua causa.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Comunicação da Universidade Paulista, UNIP. Email: elainedias@gmail.com.

Aristóteles (2007) percebe três elementos nos discursos orais, sendo estes o orador, o assunto e o ouvinte. Estes elementos, considerando-se os pronunciamentos de Churchill durante a Segunda Guerra como objeto de análise, podem ser compreendidos definindo-se *Churchill* como orador (que faz uso do discurso oral com o objetivo de persuadir), a *guerra* como o assunto (de interesse tanto do orador como da audiência) e o *povo britânico* como ouvinte. À partir destes elementos, o filósofo considera como ferramentas retóricas de persuasão: 1) o caráter pessoal do orador e sua capacidade de fazer crer; 2) o estado psicológico da audiência e o tipo de emoções que o discurso desperta e; 3) a prova, ou prova aparente, trazida pelo discurso à partir da argumentação nela desencadeada.

Segundo Nelson (2009), estas mesmas ferramentas podem ser exploradas pelo orador através do apelo pela lógica fundamentada em comprovação e evidenciação (*logos*), pela emoção e manipulação de sentimentos que são criados ou com os quais o orador se conecta em seu discurso (*pathos*) e pela autoridade moral própria, ou aquela de outro empregada, de forma a impactar no discurso (*ethos*). Entende-se que o orador utiliza recursos que representem uma ou mais destas ferramentas conforme sua intenção, que é moldada na idéia ou sentimento que pretende-se despertar no ouvinte, que, retomando Aristóteles, é aquele ao qual “se dirige o discurso, e o qual determina o fim e o objeto do discurso” (2007, p. 29).

Ao considerarmos estas ferramentas retóricas, podemos dizer que o discurso de Churchill convence pois sua argumentação é fundamentada na experiência concreta de sua vida militar e política (*logos*), no espírito britânico de batalhas e conquistas retomado em suas palavras de forma que emocionam e causam “paixão” na audiência (*pathos*) e em sua autoridade, carisma e caráter pessoais que se incorporam ao processo de significação do discurso, pois, segundo Santos (2009), “há um ‘eu’ que diz ‘vós’ e é reconhecido” (*ethos*).

Apesar destes três efeitos caminharem juntos na construção dos discursos de Churchill, o efeito *pathos* é o que se mostra mais relevante, pois trabalha a relação do discurso com o emocional da audiência nas difíceis circunstâncias da guerra com o objetivo de despertar sentimentos de confiança, patriotismo, coragem, espírito de luta e, principalmente, crença na vitória. Este efeito pode ser notado nos discursos de Churchill como o meio pelo qual a interação orador/discurso/audiência acontece – o orador, que possui determinada intenção, usa o discurso para trabalhar o emotivo, o sentimento de sua audiência, buscando como resultado sua aprovação, seu apoio.

Weidhorn (1987) explica que Churchill possuía um talento nato para a escrita³, mas que este talento não emergia com a mesma naturalidade em sua oratória. Apesar de ter tido o pai como exemplo de orador político na Câmara dos Comuns, o autor conta que foi com o congressista americano Bourke Cochran, em visita aos Estados Unidos aos 21 anos, que Churchill aprendeu a usar a “voz como um órgão” e a hipnotizar a audiência através da oratória. Cerca de 2 anos depois, tendo desenvolvido grande interesse pelo tema, Churchill escreveu o trabalho *The Scaffolding of Rhetoric*⁴, onde, entre outras teorizações, afirma que o orador representa “uma força independente no mundo” e descreve a oratória como “o mais precioso dos talentos do homem” (p. 18, tradução nossa).

Ainda segundo o autor, Churchill definiu, neste trabalho, o que seriam os elementos básicos da habilidade retórica, apesar de acreditar que tal habilidade não poderia ser “aprendida”, mas desenvolvida à partir de uma habilidade pre-existente. Os 5 elementos mencionados no trabalho de Churchill são: 1) dicção; 2) ritmo; 3) argumentação; 4) analogia (que considerava importante por acreditar que o “desconhecido e o infinito são apenas a extensão do conhecido e do finito”); e 5) extravagância e exagero, sendo este importante pois, especialmente quando usado ao final do discurso, promovia um efeito paradoxo de pacificação pois permitia que as massas expressassem (e esgotassem) seus sentimentos no momento do discurso, enquanto uma finalização de tom mais “moderado” poderia vir a “suprimir” estes sentimentos, com o risco de que a população recorre-se então à violência à fim de expressar-se (WEIDHORN, 1987, p. 18-19, tradução nossa).

Este “exagero” retórico presente no discurso de Churchill, porém, não tem seu efeito garantido pelo exagero em si, mas pela relação que o peso de suas palavras tem com o peso da verdade naquele momento e situação específicos: “O orador deve acreditar no que ele diz e personificar as paixões da multidão (...); ele pode ser inconsistente mas deve ser sempre sincero” (idem, p. 18, grifos nossos). A sinceridade das palavras e do sentimento, como explica Stewart (2007), é uma marca importante do efeito do discurso Churchill, especialmente em um período “marcado por propaganda e restrição de informações” (p. 8, tradução nossa). Churchill, através das palavras, e apesar de seus maneirismos antiquados e origem aristocrática, cumpria seu dever de informar e alertar, mas sobretudo gerava esperança através de uma relação de confiança com seu povo (idem).

Schama (2003) e Weidhorn (1987) falam sobre a não-naturalidade da oratória de

³ Churchill, inclusive, recebeu um Prêmio Nobel de Literatura em 1953.

⁴ As Bases da Retórica (tradução nossa). Segundo Manfred Weidhorn, partes deste trabalho foram esboçado por Churchill mas o projeto jamais foi concluído.

Churchill em contrapartida com seu talento nato para a escrita. John Colville (apud SCHAMA, 2003, p. 8, tradução nossa), assistente pessoal de Churchill ao longo da Segunda Guerra, afirmou que Churchill jamais “usou palavras que não fossem suas em um discurso político”. Sobre o processo de criação dos discursos de Churchill, Schama comenta:

Este extraordinário instrumento de fidelização não funcionava sozinho. Churchill levava de seis a oito horas para terminar cada discurso, e ele ensaiava sem descanso até sentir que o peso e tempo de cada frase estavam perfeitos. Era importante para ele (...) dosar conforto e leveza (...) com apóstrofes heróicas (2003, p. 393, tradução nossa)

Fica claro que o sentimento oriundo das palavras de Churchill durante a guerra não eram fruto de uma espontaneidade natural para a oratória, mas de uma cuidadosa escolha de palavras que seriam primeiro escritas, para então serem faladas, expressando a intensidade de seus princípios e de sua devoção em vencer a guerra.

O resultado do discurso e a forma como virão a impactar ao nível do sentimento da audiência, porém, não será necessariamente aquele articulado pelo orador através de sua escolha de palavras. Uma mesma intenção pode causar diferentes reações – um mesmo discurso pode despertar a aprovação, desaprovação, ou mesmo indiferença quanto às propostas do orador. Isto ocorre pois, segundo Orlandi, “as relações de linguagem são relações de sujeitos⁵ e de sentidos⁶ e seus efeitos são múltiplos e variados” (2007, p. 21). Assim, o efeito do discurso não decorre unicamente de suas palavras, mas da forma como as palavras produzem sentido para/por sujeitos em determinadas circunstâncias, determinadas condições de produção, considerando que o sujeito é “impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva⁷” (idem, p. 53).

Tal afirmação nos leva a refletir sobre os diferentes fatores - língua, história,

⁵ **Sujeito:** “Resultado da relação com a linguagem e a história [...] o sujeito é constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte **única** do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso. [...] assim como é determinado [por uma formação discursiva] ele também a afeta e determina em sua prática discursiva” (UFRGS, 2009).

⁶ **Sentido:** “O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, só pode ser constituído em referência às condições de produção de um determinado enunciado, uma vez que muda de acordo com a formação ideológica de quem o (re)produz, bem como de quem o interpreta. O sentido nunca é dado, ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social” (UFRGS, 2009).

⁷ **Memória Discursiva (ou Interdiscurso):** “Há uma memória inerente à linguagem e os processos discursivos são responsáveis por fazer emergir o que, em uma memória coletiva, é característico de um determinado processo histórico. Orlandi (1993) diz que o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos” (UFRGS, 2009).

memória - que afetam e constituem o imaginário do sujeito britânico nas circunstâncias da guerra, permitindo que as palavras de Churchill produzam, na audiência, o sentido necessário para mobilizar o sentimento que, conforme veremos, torna-se uma essencial ferramenta de Churchill no diálogo com sua nação e na conseqüente conquista da vitória na Europa.

A constituição da britanicidade

Para Michel Pêcheux, “o sentido é historicamente determinado” (apud DUGAICH, 2001, p. 20), portanto para que seja possível entender o processo de significação e produção de sentido, é necessário estabelecer uma ligação entre o discurso e a história.

Orlandi (2007, p. 10) afirma, à cerca do “ritual da palavra”, da forma como os sentidos, sujeitos e lugares se movimentam no discurso, que “(...) se, de um lado, há imprevisibilidade na relação do sujeito com o sentido, (...) toda formação social, no entanto, tem formas de controle da interpretação, que são historicamente determinadas”. Segundo a autora, a Análise de Discurso busca “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história”. Assim, para determinarmos a constituição do sujeito britânico em sua historicidade e a forma como, conseqüentemente, a vitória enunciada nos discursos de Churchill na Segunda Guerra produz sentido para este sujeito, nos guiaremos principalmente pelos dispositivos teóricos da Análise de Discurso de escola francesa.

Orlandi (2007) explica que o sentido está relacionado à presença de um sujeito que se faz necessário para a existência do discurso ao mesmo tempo que tem sua existência assegurada por sua ideologia. A autora explica que

essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (2007, p. 17, grifos nossos).

Orlandi define ideologia como sendo o “efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (p. 48), relacionando a ideologia, também, ao trabalho de interpretação (regido por possibilidades e condições de produção) e com a formação discursiva⁸, na qual o sujeito se insere no discurso.

⁸ **Formação Discursiva:** “Aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, à partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito [...] o discurso se constitui em seu sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro” (ORLANDI, 2007, p. 43)

À partir destas colocações, compreende-se que a produção de sentido no discurso é regida pela interpelação do sujeito pela ideologia, que é, por sua vez, efeito da relação do sujeito com a língua e a história. Podemos dizer, portanto, que o *pathos* que mobiliza o sujeito britânico através do discurso de Churchill decorre do processo de produção de sentidos que está além do significado aparente das palavras, no “entremeio” entre a forma como o sujeito se coloca no discurso e a forma como as palavras significam para o sujeito, em uma relação do sujeito com a língua e a história

Enfatizando-se a questão do processo histórico na formação discursiva do sujeito, faz-se necessário investigar a forma como a memória discursiva se materializa no discurso permitindo que as palavras tenham sentido para um sujeito específico – neste caso, o sujeito britânico – através da análise de sua memória histórica e constituição identitária.

Para Bradley (2007), ao refletirmos sobre a formação da identidade britânica, é imprescindível considerarmos aquela dos primeiros povos das ilhas britânicas: **os Celtas**⁹. Segundo James (2009) os Celtas habitaram a Europa no período pré-histórico divididos em tribos independentes que foram desaparecendo em razão de uma variedade de processos migratórios, disputas internas, invasões estrangeiras, miscigenação, etc. Segundo o autor, apesar de habitarem as ilhas britânicas, ou *Britannia*, no mesmo período, estas tribos não compartilhavam de um sentimento de unidade cultural ou identitária, e por possuírem uma estrutura limitada enquanto micro-sociedades, acabavam por ser (re)divididas ou incorporadas à outras tribos após poucas gerações.

Os primeiros testemunhos de contato com estes povos, relatados por autores gregos e romanos, iniciaram-se no final da Era do Ferro, por volta de 700 a.C. Segundo Allen (2007), era comum que as civilizações clássicas mediterrâneas como Roma e Grécia descrevessem os guerreiros Celtas como seres selvagens e não-civilizados, relacionando-os à imagem que se tinha do homem bárbaro, “enorme em estatura, imensamente forte e sedento por sangue” (p. 6), diferente das características do típico soldado greco-romano.

Bradley (2007) comenta que, apesar do conceito moderno de identidade na Grã-Bretanha estar sustentado nos quatro pilares históricos (o Império, a Monarquia, o Protestantismo e o Tratado de União de 1707¹⁰), a memória histórica Celta pode ser

⁹ Os **Celtas** habitaram a Europa central e ocidental ao norte dos Alpes entre 500a.C. e 100d.C. O termo “Celta” não existia neste período, mas foi “inventado” no século 18 para rotular o grupo de dialetos nativos da Britânia, sendo utilizado, mais tarde, para descrever também monumentos, arte, cultura, pessoas e tudo que tivesse relação com aqueles povos (ALLEN, 2007, JAMES, 2009).

¹⁰ O **Tratado de União de 1707** (*1707 Act of Union*) celebrou a criação do Reino Unido da Grã-Bretanha (*United Kingdom of Great Britain*) através da união dos parlamentos inglês e escocês, sendo que o País de

considerada o principal elemento da formação da identidade britânica, especialmente no que se refere ao espírito de guerra e batalha. O autor explica que:

Historicamente falando, a identidade Britânica é, antes de mais nada, Celta. [...] os Celtas foram os primeiros habitantes das Ilhas Britânicas [...] e fundadores da Britanicidade em termos de origem, mitos e lendas, raízes espirituais, tradições e língua. [...] A fascinação pelo caráter distinto e pela contribuição dos Celtas no passado têm, de fato, sido tema recorrente na história do país e tem provido uma das mais ricas fontes de identidade britânica. [...] Os Celtas forneceram o “lado selvagem” do espírito britânico em contraste com o mais prosaico, cinza e delimitado elemento Anglo Saxão (p. 67-68, tradução nossa).

Allen conta que Estrabo, famoso geógrafo e historiador grego, afirmou sobre os Celtas no século 1 a.C.: “A raça toda... é louca por guerra, e também vigorosa e rápida para a batalha... and se provocados eles surgem juntos de uma vez para a luta, prontos para arriscar suas vidas sem nada para ajudar além de força e coragem” (2007, p. 6).

O autor comenta que este tipo de colocação tem tamanha força que torna difícil, mesmo nos dias atuais, perceber a real natureza do guerreiro Celta e de seu papel como membro de uma sociedade que era “vibrante, rica e complexa” e que sobreviveu por centenas de anos deixando um importante legado ao sujeito-europeu: na língua, nas artes, e também em sua identidade. Estas afirmações reforçam a influência da memória Celta na formação da identidade britânica, da Britanicidade¹¹ que emerge no discurso de Churchill e que inspira o “lado selvagem” do espírito britânico durante a guerra, como afirmado por Estrabo.

Stewart (2007, p. 7) afirma que o discurso de Churchill era inspirador pois tocava em diferentes níveis, no mais profundo sentimento de patriotismo, que vinha pelas palavras (língua) atravessado pela história e pelas vitórias de seus antepassados, familiaridade do britânico com a questão da guerra, da resistência, da luta, da vitória.

Mesmo havendo uma clara relação entre a identidade do sujeito britânico e aquela do povo Celta, não podemos deixar de considerar a influência dos povos e sociedades que vieram mais tarde. Porém, é necessário compreender, como explica James (2009), que diferente da idéia de que existia uma uniformidade entre os povos Celta que eventualmente foi destruída pelos Romanos, Saxões, entre outros, a Grã-Bretanha, na verdade, sempre

Gales já era considerado parte da Inglaterra. A Irlanda do Norte foi aceita como parte do tratado em 1800, quando o Estado passou a ser chamado de Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte (*United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland*), ou simplesmente, Reino Unido (*United Kingdom - UK*).

¹¹ Simon James (2009) explica que, assim como o termo Celta, o conceito de Britanicidade foi também utilizado pela primeira vez no século 18.

abrigou uma diversidade de povos que iam e vinham de diversas partes da Europa, ou seja, estes povos não eram substituídos uns pelos outros, mas fundiam-se formando novas sociedades. Portanto, apesar das perdas/aquisições culturais, linguísticas, religiosas e políticas, a essência identitária (e inclusive biológica) do antigo Celta e da diversidade de suas sociedades resistiram o passar dos milênios e podem ser percebidos no discurso de Churchill, na forma como o espírito britânico é considerado uma ferramenta para se vencer as adversidades, na forma como esta Britanicidade se faz latente no sujeito britânico através das palavras de seu líder – assim como o Celta que arriscava sua vida com nada para se apoiar além de “força e coragem”.

Retomando a questão da britanicidade exposta no discurso de Churchill, Eisenhower afirma: “Um líder inspirador, ele [Churchill] parecia tipificar a valores britânicos como a perseverança na adversidade e o recorrente sucesso” (1997, p. 61, tradução nossa). O uso da palavra ‘tipificar’ é importante nesta citação pois mostra, primeiramente, que a coragem e perseverança são consideradas características típicas do sujeito britânico, ao mesmo tempo que reafirma o papel de Churchill como representante desta Britanicidade, desta categoria especial de sujeito. O trecho ‘recorrente sucesso’, retoma a questão da manutenção do poder e da grandeza da nação britânica através de sua história de batalhas e conquistas repetida com sucesso através dos tempos pelos povos britânicos do passado (os Celtas) e os de hoje. Em poucas palavras, deve-se considerar que tanto o orador (Churchill) como sua audiência (povo britânico), são sujeitos constituídos de um mesmo imaginário coletivo, compartilhando dos mesmos efeitos ideológicos, determinados pelos mesmos processos históricos.

O Discurso do Sujeito Vencedor: *Blood, Toil, Tears & Sweat*¹²

Para Foucault (2008), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta” (p. 10). Isto significa que, sem a vitória de fato, a própria formação discursiva do sujeito britânico ficaria comprometida e seu discurso de vitória deixaria de produzir sentido. O sentido se dá, porém, pela memória histórica e pelo inconsciente.

Em 13 de Maio de 1940, Churchill fez seu primeiro pronunciamento oficial como

¹² Nota do autor: Nos trechos referentes ao discurso “Blood, Toil, Tears and Sweat” a língua inglesa foi mantida para assegurar assim a análise discursiva do objeto em sua forma original. A tradução dos trechos estará disponível como nota de rodapé.

primeiro-ministro para os membros da Câmara dos Comuns. O discurso, um dos mais sucintos e (mais tarde) memoráveis proferidos por Churchill durante a Segunda Guerra Mundial, não foi, segundo Lukacs (2008), devidamente apreciado na época, mas foi responsável por trazer à tona o espírito britânico de luta e representava também o chamado pela unificação (entre partidos de governo e oposição, entre homens e mulheres, entre a Inglaterra e seus aliados) para o alcance do objetivo comum: a vitória.

Nas palavras de Jenkins, o pronunciamento de Churchill em sua posse parecia mais “um chamado para a batalha do que um discurso” (p. 591, tradução nossa). Logo no primeiro parágrafo de seu primeiro pronunciamento, Churchill fala da guerra, da Alemanha, e da questão da vitória:

I beg to move, that this House welcomes the formation of a Government representing the united and inflexible resolve of the nation to prosecute the war with Germany **to a victorious conclusion**. (Stewart, 2007, grifos nossos)¹³

Deste parágrafo em diante, pela maior parte do texto, Churchill trabalha suas palavras de forma mais informativa, falando principalmente da necessidade de união entre os partidos para que governo e oposição trabalhassem juntos na nova Administração, e fala da missão de formar o Gabinete de Guerra, que considerava uma das mais importantes.

Logo após, Churchill usa a frase pela qual seu primeiro discurso como primeiro-ministro seria lembrado para a posteridade:

I would say to the House, as I said to those who have joined this government: "**I have nothing to offer but blood, toil, tears and sweat.**" We have before us an ordeal of the most grievous kind. We have before us many, many long months of struggle and of suffering. (Stewart, 2007, grifos nossos)¹⁴

¹³ Versão em Português: Esta Câmara saúda a formação de um governo que representa a vontade única e inflexível da Nação de prosseguir a Guerra com a Alemanha até uma conclusão vitoriosa (tradução nossa).

¹⁴ Versão em Português: Direi à Câmara o mesmo que disse aos que entraram para este Governo: Só tenho para oferecer sangue, trabalho árduo, lágrimas e suor. Temos perante nós uma dura provação. Temos perante nós muitos e longos meses de luta e sofrimento (tradução nossa)

A frase em destaque, que dá título ao discurso, foi escrita por Churchill entre aspas, em razão de não ter sido totalmente criada por ele. Lukacs (2008) explica que o trecho foi parafraseado de uma frase falada pelo italiano Giuseppe Garibaldi, quase 100 anos antes, às vésperas da invasão francesa à República Romana. Na ocasião, Garibaldi disse: “*I offer not pay, not lodging, no provisions. I offer hunger, forced marches, battles and death*”¹⁵ (apud LUKACS, 2008, p. 47).

Segundo Schama (2003), Churchill, sentia-se profundamente envolvido pela história de seus antepassados e de sua nação, e isso lhe proporcionava a força e legitimidade necessárias para mobilizar milhões de britânicos na luta pela (ameaçada) liberdade. Churchill, apesar de sua origem aristocrática, compreendia a necessidade e a essência do povo britânico, e demonstrava esta compreensão através do diálogo sobre a própria história de seu povo.

Ao dizer que não tinha nada para oferecer além de “sangue, trabalho árduo, lágrimas e suor”, Churchill saía do lugar comum da propagando política, buscando mobilizar sua audiência através das palavras de incentivo, porém sem falsas promessas e sem minimizar a gravidade da situação:

O discurso de Churchill, segundo Stewart (2007), continha um apelo patriótico que residia em diferentes níveis da sociedade trazendo sua crença nos feitos e vitórias das gerações passadas e, acima de tudo, eram palavras verdadeiras que despertavam confiança na população. Churchill não falava em vitória como uma promessa pessoal ao seu povo, e sim como um chamado para que as vitórias do passado fossem honradas, repetidas e perpetuadas.

Lukacs (2008) afirma que as palavras têm seu valor marcado pela lembrança que deixam com o passar de muitos anos, fazendo referência à importância dos discursos de Churchill que sobreviveram o passar das décadas e continuam recobertos de significado e de relevância ainda hoje.

Os dois últimos parágrafos de *Blood, Toil, Tears and Sweat*, são os que possuem o maior apelo emotivo, sendo que no penúltimo (abaixo) encontra-se o trecho no qual há a recorrência do termo “vitória”:

¹⁵ A frase original, em italiano: “Non offro nè paga, nè quartiere, nè provvigioni. Offro fame, sete, marce forzate, battaglie e morte”. Em português (tradução nossa): Não ofereço nem pagamento, nem acomodação, nem provisões. Ofereço fome, sede, marchas forçadas, batalha e morte.

You ask, what is our policy? I can say: It is to wage war, by sea, land and air, with all our might and with all the strength that God can give us; to wage war against a monstrous tyranny, never surpassed in the dark, lamentable catalogue of human crime. That is our policy. **You ask, what is our aim? I can answer in one word: It is victory; victory at all costs; victory in spite of all terror; victory, however long and hard the road may be. For without victory, there is no survival.** (Stewart, 2007, grifos nossos)¹⁶

Uma característica marcante do texto de Churchill é o uso da repetição como ferramenta para mobilizar o *pathos* na audiência. Como pode-se perceber, existe uma repetição inicial na construção do diálogo de Churchill no que diz respeito à política de seu governo e seus objetivos perante à guerra: “*You ask, what is our policy? (...) You ask, what is our aim?*” Neste trecho, Churchill dialoga com sua audiência, respondendo aos seus questionamentos mais importantes. A menção à Deus é interessante pois é uma marca típica dos discursos políticos, e muito presente no discurso político americano inclusive.

Outra característica do discurso de Churchill é que ele possuía um apelo e uma linguagem que podiam ser absorvidos também por outros sujeitos e sociedades. Churchill usada a retórica do “*brotherhood*”, principalmente ao falar com/para os Estados Unidos, em razão dos “laços” divididos entre os dois países e a aliança política e militar que Churchill buscava com os americanos naquele período.

A questão da vitória retomada no discurso de posse de Churchill não representava meramente um modelo de pensamento, mas o objeto do pensamento e daquilo que se tentava proteger enquanto instituição. Não apenas a liberdade e soberania do Império Britânico estavam em jogo durante guerra, mas a própria essência da identidade do sujeito britânico e de sua discursividade.

¹⁶ Versão em Português: Se me perguntam qual é a nossa política? Lhes direi; fazer a guerra no mar, na terra e no ar, com todo o nosso poder e com todas as forças que Deus nos possa dar; fazer guerra a uma monstruosa tirania, que não tem precedente no sombrio e lamentável catálogo dos crimes humanos. Essa a nossa política. Se me perguntam qual é o nosso objetivo? Posso responder com uma só palavra: Vitória – vitória a todo custo, vitória apesar de todo o terror, vitória por mais longo e difícil que possa ser o caminho; porque sem a vitória não sobreviveremos (tradução nossa)

Schama, explica que Attlee¹⁷ uma vez afirmou que se alguém perguntasse qual exatamente havia sido a contribuição de Churchill na vitória contra os alemães, ele responderia: “Ele falava sobre isso” (2003, p. 392, tradução nossa), referindo-se ao fato de Churchill falar tão assertivamente sobre a vitória em seu discurso, que a fez possível. A repetição do termo vitória 5 vezes neste trecho, além da menção feita no primeiro parágrafo, é importante para o processo de construção, no imaginário britânico, da idéia de que é necessário vencer para garantir a sobrevivência de tudo aquilo que havia sido deixado por seus antepassados – *For without victory, there’s no survival*.

A questão da sobrevivência, que finaliza o trecho sobre a vitória, é explorada mais acentuadamente no parágrafo seguinte:

Let that be realized: no **survival** for the British Empire; no **survival** for all that the British Empire has stood for, no **survival** for the urge and impulse of the ages, that mankind will move forward towards its goal. But I take up my task with buoyancy and hope. I feel sure that our cause will not be suffered to fail among men. At this time I feel entitled to claim the aid of all, and I say, "Come then, let us go forward together with our united strength." (Stewart, 2007, grifos nossos)¹⁸

A frase “*let that be realized*” serve para expressar a sobrevivência “do que”, e mais uma vez percebe-se o ato de repetição, sendo a palavra “*survival*” usada 3 vezes no mesmo parágrafo, e a referência ao Império Britânico 2 vezes.

O interessante deste trecho é que em nenhum momento Churchill fala da sobrevivência física, contrário de morte. Churchill usa a retórica da sobrevivência para falar

¹⁷ Clement Attlee era um importante político do Parlamento Britânico. Foi líder do partido dos trabalhadores (*Labour Party*) à partir de 1935, “vice” de Churchill durante a Segunda Guerra, e eleito Primeiro Ministro em 1945 (em eleição contra Churchill) ocupando o cargo até 1951, quando Churchill foi re-eleito.

¹⁸ Versão em Português: Compreendam bem: não sobreviverá o Império Britânico, não sobreviverá nada do que o Império Britânico representa, não sobreviverá esse impulso que através dos tempos tem conduzido o homem para mais altos destinos. Mas assumo a minha tarefa com entusiasmo e fé. Tenho a certeza de que a nossa causa não pode perecer entre os homens. Neste momento, sinto-me com direito a reclamar o auxílio de todos, e digo: Vamos seguir juntos unindo nossas forças (tradução nossa).

dos valores que constituem a identidade do povo britânico à partir de seu legado histórico, enfatizando que a manutenção destes valores só é possível com a vitória – “*no survival for all that the British Empire has stood for (...)*”.

O discurso do vencedor torna-se a condição de existência e de sobrevivência do sujeito britânico, pois este está inscrito “em uma formação discursiva e não outra” para que a vitória enunciada no discurso tenha “um sentido e não outro” (ORLANDI, 2007, p. 42-43). Sobre a relação entre vitória e sobrevivência, Dugaich (2001) afirma:

O discurso do sujeito é constituído pelo discurso da vitória. É como se a condição de sua existência automaticamente o inscrevesse como sujeito de uma determinada formação discursiva que lhe impõe a necessidade de cultuar a vitória alheia para encontrar a sua própria, impedindo-o de negá-la como condição de sobrevivência (DUGAICH, 2001, p. 240).

Assim, o discurso de vitória do sujeito britânico tem seu sentido no culto do legado de vitórias de seus antepassados (vitória alheia) e na necessidade de se vencer a guerra (que representa o presente) para garantir a manutenção deste legado para as próximas gerações.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Stephen. *Lords of Battle – The World of the Celtic Warrior*. Oxford: Osprey Publishing, 2007.

ARISTÓTELES. Livro I – Capítulos 3 ao 8. *In: Retórica*. 1ª Edição. (Trad. Marcelo Silvano Madeira). São Paulo: Ridel, 2007.

_____. Livro II – Capítulo 17. *In: Retórica*. 1ª Edição. (Trad. Marcelo Silvano Madeira). São Paulo: Ridel, 2007.

BRADLEY, Ian. *The spiritual identity of Britishness: Believing in Britain*. London: I. B. Tauris, 2007.

DUGAICH, Cibele. *O marketing político americano da guerra fria: discurso, mistificação e mídia*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Tese de Doutorado. Campinas, 2001.

EISENHOWER, Dwight. *Crusade in Europe*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. *A Social Theory of Discourse*. *In: Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso – Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 17ª Edição. (Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio). São Paulo: Edições Loyola, 2008.

JAMES, Simon. Peoples of Britain. BBC UK. [online] Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/history/ancient/british_prehistory/peoples_01.shtml> Acesso em: 18 mai. 2009

JENKINS, Roy. Churchill. London: Macmillan, 2001.

LUKACS, John. Blood, Toil, Tears and Sweat: The Dire Warning. New York: Basic Books, 2008

NELSON, Danny. Rhetorical Analysis. [online] Disponível em: <<http://english.byu.edu/WritingCenter/handouts/special/files/rhetoricalanalysisold.doc>>. Acesso em: 04 Jan. 2009

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos. 7ª Edição. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. O Discurso – Estrutura ou Acontecimento. 5ª Edição. (Trad. Eni Puccinelli Orlandi). Campinas: Pontes, 2008.

SANTOS, José. Um Início. Opinião/Expresso. [online] Disponível em: <http://aeiou.expresso.pt/um_inicio=f348373> Acesso em: 18 Jul. 2014

SCHAMA, Simon. A History of Britain 3 (1776 - 2000) – The Fate of Empire. London: BBC Books/BBC Worldwide Ltd, 2003.

STEWART, Graham. His Finest Hours – The War Speeches of Winston Churchill. London: Quercus, 2007

UFRGS. Glossário de Termos do Discurso. Instituto de Letras/Análise de Discurso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul [online] Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>> Acesso em 26 Mar. 2009

WEIDHORN, Manfred. Churchill's Rhetoric and Political Discourse. New York: University Press of America, 1987